S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 9 de março de 1912 — ANNO XI — NUMERO 129

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

Onde está Idalina?

Interessante confronto

Estavamos em Paris em meiados de 1893, quando na cidade de Lille, capital de departamento do Norte, deu-se um facto sensacional, que abalou a França em peso.

Nas proximidades de um collegio dirigido pelos irmãos Ignorantius, appareceu estrangulado um menino que do mesmo collegio era irmão e pelos indicios colhidos pelas autoridades parecia ter sido um dos taes congregados o autor do revoltante crime.

Esse acontecimento arrancou um brado de indignação ao paiz inteiro, de Calais a Marselha e de Gap a La Rochelle.

O governo, sob a pressão do espirito publico, ordenou que se procedesse ao mais rigoroso inquerito sobre o caso, que parecia determinado por uma paixão monstruosa, de natureza homosexual.

Durante muitos dias, o edificio do collegio era apedrejado pelos habitantes da cidade, que se sentiam sequiosos de uma desaffronta pelo nefando attentado, que fora ali commettido nas mais torpes e abjectas condições.

Como corollario desse acontecimento, um dos primeiros actos do governo foi supprimir ás congregações religiosas o direito de ensinar, seguindo-se logo após a adopção de medidas tendentes a cercear-lhes os abusos de toda a casta, o que trouxe como consequencia ultima a separação da Igreja do Estado.

Agora, o reverso da medalha...

No Brasil desappareceu de um orfanato uma criança que ali fora recolhida e um dos directores do estabelecimento é accusado de have-la assassinado.

Coagido pela opinião publica, o governo, que treme de terror perante os homens de roupeta, manda um dos seus mais ultramontanos delegados proceder a diligencias e a um inquerito, que mais foram farças ridiculas e de que resultou ser pronunciada como raptora da criança assassinada uma mulher *abstracta*, uma mulher *virtual*, que jamais alguem viu, cuja existencia não se poude provar e que o proprio jury, que a julgou á revelia, considerou uma entidade fantastica, creada, inventada para dissimular o crime perpetrado no orfanato.

E perante a decisão do jury, que importa o mais solenne reconhecimento da responsabilidade de que á direcção no orfanato cabe pelo desapparecimento da desditosa menina, o governo queda-se immovel, receioso de chamar ás contas os padres do estabelecimento, ou com receio da excommunhão do Papa, que não admitte que se mova, em circunstancia alguma, processo contra padres, ou com receio de que qualquer acção contra estes, possa acarretar-lhe detrimento de ordem politica.

São assim os homens nesta malfadada terra: acima do interesse da collectividade collocam as suas ambições pessoaes, que são os unicos elementos a lhes nortearem os actos de ordem publica.

O caso de Lille fez com que fossem em França trancados todos os collegios dirigidos por communidades religiosas.

O caso de S. Paulo só serve para demonstrar até que ponto chega a impunidade para os abusos e crimes commettidos pelos homens de samarra.

Porque desgraçadamente nesta terra justiça só existe para os pequenos, os humildes, os miseraveis, os desprotegidos da sorte... — I.

No confessionario

— *In nomine patris et filii et spiritus sancti*... Então, minha filha, ha quanto tempo é que te não confessas... Que horror! um anno sem prestares contas a Deus! Mas tu assustas-te... Olha, não tenhas medo de mim. Fala, dize-me tudo. Bem sabes que é Deus que te ouve por mim, e que por mim te vai responder. Vá, minha filha, conta tudo o que tens na tua alma. Mesmo aquillo que te repugnar, isso mesmo eu devo saber, com todos os pormenores. Lembra-te de que, se me occultares um peccado, venial que seja, ficas excommungada. Quer dizer: pões em risco a tua alma... Mas estremeces. Porque? Então não confias no teu padre, não confias em Deus? Anda, minha filha, socega e dize-me tudo. Ainda mesmo aquillo que tu nunca disseste a tua mãe. E' Deus que ouve, e Deus guarda segredo... Sim, minha filha, dize... Oh! isso é bem terrivel! Ha muito aqui devias ter vindo aos pés de Deus. Porque o não fizeste?... Sim, minha filha, os pais são quasi sempre a causa da perdição dos filhos. Mas tu sabes que o padre é mais que o pai. Ao pai obedece-se depois de considerar os seus conselhos e mandados; ao padre obedece-se sempre, sem hesitação, religiosamente. Quando fala um pai, fala a miseria, fala a fraqueza, fala a ignorancia. Mas quando fala o confessor, fala a divina justiça, fala o poder infinito.

Por isso quando teus pais te quizerem afastar dos pés do confessor, tens obrigação de lhes desobedecer. Desobedecerás, porque não peccas: cumpres a lei de Deus. Obedeces a Deus... Mais, minha filha; dize os teus pensamentos... E tiveste desejos? Anda filha, não hesites. Dize tudo. Eu estou aqui para saber os teus mais intimos pensamentos. Estou aqui para que tu te abras commigo, falando para mim como falarias para a tua consciencia. E' o concilio de Trento que te obriga fazel-o; é a Igreja que t'o preceitua; é Deus que te castigará se o não fizeres. Com effeito, se me não disseres tudo o que fizeste e pensaste, as tuas palavras e as tuas obras, estás perdida minha filha. E' porque o diabo já anda a rodear-te, e dentro em breve ficarás presa das suas tentações, que te levarão ao inferno. E um anjo assim, tão lindo, tão bom... Vê, minha filha, a que te expões... Anda... E depois?

Nada me occultes. Sim filha... E depois? Não te assustem as palavras: fala; dize o que sabes e o que sentes. Dize-me, ainda conservas ainda toda a tua pureza? Ah! filha que receios os teus!...

Olha que esses receios, na presença de Deus, são peccados mortaes... E tens consentido nos peccados da luxuria? Ah! não sabes!... Mas é preciso que saibas; para que eu, por minha vez, saiba se peccaste ou não, e como devo absolver-te. E' ainda a Igreja que me manda ensinar-te.

E' ainda o concilio de Trento que nos obriga a ambos: a ti a saber tudo, a mim a ensinar tudo. Aliás a tua confissão ficará nulla e a tua alma em risco de perder-se... Pois minha filha, a luxuria é de varias especies e malicias. O bispo de Mans no seu tratado acerca do sexto mandamento, divide a luxuria em seis grandes capitulos a saber: *De fornicação, de estupro, de rapto, de adulterio, de incesto, de sacrilegio*. Ha ainda *a pollução*, a *sodomia* e a *bestialidade*, não esquecendo, no entanto, que a luxuria pode ainda dividir-se em — consummada e não consummada. Vou dizer-te, minha filha, em que consiste cada uma dellas sem o que não poderás conscientemente acusar os teus peccados nem eu absolver-te delles...»

***

O' chefes de familias, ó pais, ó mães, não julgueis que estou fazendo fantasia, porque eu nem sequer exaggero. Horrorizai-vos muito embora, mas fazei-me a justiça de acreditar na minha experiencia. Essa linguagem que ahi fica é apenas o primeiro ensaio do confessor sobre a confessada ainda innocente. O que dirieis então se podesseis ouvir o que elle diz ás esposas ricas e ás viuvas sem filhos?

O que dirias tu, ó esposo amante, se soubesses o que o confessor tem dito a tua mulher e ha-de repetir ainda, daqui a poucos dias?

E's curioso? Então espera que eu, na proxima semana, hei-de ir comtigo até á igreja, para te indicar onde podes ouvir, sem ser visto, o dialogo tremendo que entre tua mulher e o confessor se vai travar.

Thomaz da Fonseca.



O que produzem os collegios clericaes

Um horroroso crime clerical

UM PADRE MANDA DUAS MULHERES DAR SUMIÇO AO CADAVER DE UMA CRIANÇA — HORRIVEL ESQUARTEJAMENTO — PRISÃO DO PADRE.

O nosso apreciado collaborador *Ignoto* dispensou-nos o trabalho de commentar mais este sagrado feito da não menos santa gente clerical.

Para as suas acertadas considerações chamamos a attenção dos leitores.

MADRID, 28—Telegrapham de Huesca: As autoridades desta cidade descobriram hoje um crime que está causando grande sensação.

Alguns agentes de policia, destacados para differentes bairros da cidade, effectuaram a prisão de duas mulheres que haviam sido denunciadas como autoras do assassinato de uma criança.

As mulheres foram conduzidas para a cadeia e a policia poz-se em campo para descobrir o cadaver da victima.

Depois de muito trabalho foi encontrada na sargeta de uma rua, um pouco afastada do centro da cidade, a cabeça de uma criança de tenra idade e mais tarde, noutra rua distante da primeira, a policia encontrou tambem um pé.

Levados esses despojos para a esquadra da policia, as autoridades mostraram-nos ás duas presas e estas, ante as insistentes perguntas que lhes eram feitas, acabaram por confessar o crime e contaram que um dia destes foram procuradas por um padre que lhes entregou um criança morta, pedindo-lhes que a enterrassem em lugar que não pudesse ser facilmente descoberto.

Receberam o cadaver e ellas proprias o despedaçaram, por julgarem que assim o seu crime ficaria sempre ignorado.

O padre foi tambem preso, mas nega terminantemente que tenha visto alguma vez as duas mulheres que o accusam.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio).

E o padre foi tambem preso!... *Horribile dictu!*

Entretanto não faz muito, o Papa Pio X expediu um *Motu proprio*, fulminando de excommunhão maior a todo aquelle que arrastar um clerigo ao tribunal civil! (*Acta Apostolica Sedis*, vol. III, n. 15, pag. 565).

«Decretamos e fazemos publico, diz o Pontifice, que todo e qualquer individuo, leigo ou clerigo de ordem sacra, homem ou mulher, que chamar ao tribunal civil ou em causa civil ou em causa criminal a qualquer pessoa ecclesiastica, e obriga-la a comparecer perante o mesmo, incorra em excommunhão *latæ sententiæ* reservada, de modo especial ao Papa.»

E esta?

Terá o governo do muito catholico rei Affonso XIII solicitado de Pio X permissão para prender o padre infanticida?

Se o não fez está a esta hora excommungado, e assim ficará até que, como Henrique IV, vá a Canossa implorar a absolvição papal. O que, aliás, nada terá de desairoso para uma magestade tão catholica como timbra em se-lo o rei da Hespanha.

Uma ultima reflexão sobre o caso que commentamos.

Devia ser preso o padre?

Pensemos que não.

Não era, sob o ponto de vista da sua religião, *mil vezes preferivel* que elle consumisse o fructo dos seus amores secretos a que commettesse o gravissimo escandalo de conservar em sua casa, a titulo de afilhado, um pimpolho que as más linguas logo dariam como filho seu?

Já se vê, pois, que o padre destruindo a sua obra illicita, quiz apenas salvaguardar a honra da sua batina, que para elle vale muito mais que uma criatura humana, apesar de doutrinar, nos domingos, ás suas ovelhas que o homem é feito á imagem e á semelhança de Deus e que o homem é o rei do Universo.

A intenção do sacerdote criminoso foi, está claro, a melhor possivel, pelo que elle até merecia uma recompensa publica do governo clerical de sua patria...

Mas infelizmente esse proprio governo é o primeiro a não querer comprehende-lo, dando assim a entender que pensa, como muita gente boa, que de boas intenções está o inferno calçado... — I.

***

A *Gazeta da Tarde*, do Rio, assim commenta essa noticia, subordinando-a a este significativo titulo — *Uma Idalina na Hespanha?*:

«Idalina é um nome synistro, que já se tornou arma e estygma contra os bandidos de batina.

O caso da menor Idalina, de S. Paulo, ficará perennemente na memoria publica, como a maior nota de escandalo, de satyrismo e instinctos perversos do clero catholico.»

O Natal, festa pagã

Quem havia de dizer que o natal, considerado pela maioria a festa principal do christianismo (supprimam, com effeito, o menino Jesus e desaba todo o edificio) era tido pelos puritanos como uma festa pagã (no que estavam com a verdade historica), sendo a sua celebração reputada como um peccado mortal? Na Inglaterra, esforçaram-se baldadamente por obter a sua prohibição legal; mas quando emigraram para a Nova Inglaterra (Estados Unidos), ignoraram completamente esta festa, considerando este dia igual a qualquer outro da semana. Durante um seculo e um quarto, os habitantes de Boston não o observaram, julgando a sua observancia uma tola superstição. Mas alguns não eram desta opinião e festejavam esse dia mais ou menos secretamente, o que revoltava os puritanos fanaticos que, segundo refere o «Truth Seeker», promulgaram a lei seguinte:

«No Tribunal geral de Boston, 11 de maio de 1659. Para prevenir as desordens havidas em varios pontos desta jurisdicção, pelo facto de alguns terem até hoje observado festas que são supersticiosamente celebradas em outros paizes, para grande deshonra de Deus e grande escandalo do proximo, — é ordenado por este Tribunal e por sua autoridade que todo aquelle que fôr encontrado a observar um dia como o de natal ou outro semelhante, abstendo-se do trabalho ou festejando-o de qualquer maneira, pelos motivos acima ditos, pagará por cada delicto desta natureza cinco shillings, a titulo de multa para a Commissão.»

E. Hins.

Para salvar a alma

Sabem onde fica Quatis de Barra Mansa?

Pois é ahi mesmo que o bom Miguel Rigoni, padre do seu officio, passava a sua util e santa existencia.

Vigario da freguezia, pastor amoroso e dedicado que era das ovelhas que lhe foram confiadas pela autoridade ecclesiastica, tudo tinha corrido em paz até ha bem poucos dias, graças a Deus, em Quatis, porque por ali nunca, que se saiba, o socego fôra perturbado pela visita de nenhuma féra que viesse pôr em risco a vida e a tranquillidade do amado rebanho.

Era o Paraiso mesmo.

Padre Rigoni, quando deixara a bella terra de Italia por esta outra terra nova que os seus patricios fecundam com o seu suor e a sua intelligencia, bem sabia o premio que lhe estava reservado em paga das suas virtudes.

E não se enganara.

Aquella boa gente de Quatis era toda feita de dedicação e reconhecimento para com o seu bom vigario Miguel, que casava bem casado todo mundo com o casamento de Deus, porque o outro, o dos herejes, o civil, como lhe chamam, não vale nada, é uma immoralidade, uma concubinagem, obra do espirito das trevas; que confessava as moças, baptizava os filhos dos quatienses, encommendava para o outro mundo os defuntos e rezava as missas de setimo dia. E no dia da primeira communhão, como iam todos, meninos e meninas, vestidos de branco, renunciar a Satanaz as suas pompas e as suas obras!

Era uma belleza!

Porém o espirito do mal espreita sempre as suas victimas, e esta foi o bom padre Miguel Rigoni.

Incarnado na pessoa de Maria Rosa, entrou para a companhia do vigario de Quatis, que nada pôde fazer para livrar-se da tentação.

E um dia do mez passado, quando vio a sua alma bem perdida, pois tinham vivido muito tempo juntinhos, Maria Rosa dispara de casa e vem para o Rio fazer escandalo junto ao 2.º delegado auxiliar, dr. Hugo Braga.

E sabem o que disse Maria Rosa? (vejam se não é mesmo o diabo) que Rigoni (não confundir com Consoni) não lhe queria entregar uma caderneta da Caixa Economica e da Caixa Mutua de Pensões Vitalicias de S. Paulo!

Disse mais que se tinha apaixonado por Salvador Gubidosi e com elle queria casar, a isso se oppondo tenazmente Rigoni, razão porque deixára a casa deste.

A autoridade carioca, depois de te-la ouvido muito attentamente e sabendo da presença do sr. vigario nesta capital, mandou vir o mesmo á sua audiencia, para explicações.

Na delegacia, diz *A Noite*, elle promptificou-se a entregar as cadernetas e accrescentou: «Sinhore dotore delegato, questa rapariga ha fugito de mia casa. Io no voglio suo casamento, non.»

E como bom pastor que era, disse mais que jurara *per la santa Madona* salvar a alma da rapariga.

Pedio tambem ao delegado, supplicou que propuzesse a Maria Rosa não casar com Salvador, que era assassino e passador de moeda falsa; que lhe daria 3:000$, além da salvação da alma, que ficava a seu cargo.

Rosa a nada quiz attender e rejeitou a proposta, casando com o seu Salvador.

Agora, diga-me cá, reverendo Rigoni, como poderieis salvar a alma da rapariga se ella é o proprio Satanaz incarnado?

Fuja, fuja reverendissimo, olhe que é da vossa alma que se tinha apoderado o maldito. De que perigo vos livrastes!

Foi o que fez o bom Miguel Rigoni, que partiu para a Europa, promettendo enviar ao 2.º delegado documentos provando que Rosa é casada na Italia e, portanto, bigama.

Mas que raio de historia!...

Adrecal.

Rio, 4 — 3 — 912.

OS JESUITAS

OS JESUITAS FORAM PERNICIOSOS AO BRASIL

O terceiro governador geral Mem de Sá e o segundo bispo d. Pedro Leitão, muito favoreceram aos jesuitas e a todas as suas pretenções; e protegidos por esses dois illustres maioraes, um no temporal e outro no espiritual, é facil de se acreditar o que teriam elles feito, e mais ainda, que teriam elles obtido das boas graças desses dois magnatas que tudo podiam.

E' o nosso mais illustre historiador, quem affirma que «ambos haviam favorecido o ascendente, nos negocios publicos, dos padres da Companhia de Jesus.»

Esses auxilios na ordem administrativa e religiosa, os auxilios pecuniarios ordenados pelo governo da corôa, as *doações*, os bens que ob e subrepticiamente os padres apartavam para seu lado, ás vezes sem protesto, outras com grandes clamores, concorreram para que os dominios dos jesuitas se alargassem, alargando-se as proporções das arcas em que amontoavam as suas grandes riquezas.

Os jesuitas seguiam augmentando as suas rendas, diz Varnhagen, obtendo «para os seus indios» grandes doações de terras. Em 24 de janeiro de 1583 foi confirmada, aos das aldêas de S. Barnabé e S. Sebastião, uma sesmaria de 2 leguas, «junto da Fazenda dos Padres», e aos de S. Lourenço outra de 4 leguas, de Macacu á Serra dos Orgãos, tambem «junto ás terras dos padres».

Porque processo os padres da Companhia de Jesus iam se tornando senhores de tão grandes extensões territoriaes? — Responda o sr. padre Lamego, que ficou muito admirado (!) de que os jesuitas viessem fazer em Campos, em materia de exploração, o que haviam feito por toda a parte!

A' proporção que os jesuitas tiravam os maximos proventos da cultura da terra e do seu processo britanico de expansão colonial, sugavam fortemente as mamas do thesouro publico, pois das rendas do Estado, no tempo do governador Manuel Telles Barreto, orçavam por 30.825 cruzados, dos quaes eram remettidos para Portugal 10.000 cruzados. Dos 20.875 cruzados restantes, destinados a occorrer ás despesas da colonia, 7.500 cruzados (mais de um terço) eram applicados á manutenção dos padres da Companhia de Jesus!

Isso prova o que dissemos em artigo anterior, que os jesuitas vieram ao Brasil não para se entregarem stoicamente aos trabalhos da catechese (coisa apparente) mas sim para explorarem cubiçosas riquezas (causa real). E a prova temo-la no facto de, uma vez aqui installados, trataram da catechese por devoção, mas tordando-se grandes fazendeiros, por obrigação.

E' admiravel como esses padres, que fizeram voto de pobreza (!), aportaram a um paiz novo como o Brasil era então, e dentro de pouco tempo se tornavam os maiores proprietarios da terra, chegando a accumularem as fabulosas riquezas de que daremos a seu tempo minuciosa relação!! E extranharem os padrecos simplorios desta região, que os jesuitas tivessem artimanhas para levarem o general Salvador a fazer aquella monstruosa composição em que os herios foram violentamente despojados de suas terras, como se vê da honrada

palavra do venerando **Miguel Ayres Maldonado!**

Em Olinda possuiam os jesuitas um bom collegio, com lições de casos de latim e primeiras letras; o edificio do collegio da Bahia era grande, bem acabada; havia nelle aulas de theologia, de casos, curso de humanidade, de artes e de primeiras letras; tinha de renda 3 000 cruzados e sustentava de ordinario uns 60 discipulos, segundo affirma Varnhagem.

No Espirito Santo a Companhia tinha tambem o seu collegio e igreja regular, e varias aldêas que administrava; no Rio de Janeiro havia um collegio da Companhia, em que se ensinava o latim e que recebia das rendas publicas 2.000 cruzados.

Era, portanto, uma empreza industrial de primeira ordem, a Companhia de Jesus, em terras do Brasil.

Precisando de braços para desenvolver o trabalho em suas numerosas fazendas, os jesuitas comprehenderam a necessidade de attrahir o indio e para melhor consegui-lo, fizeram-se passar por protectores (?) dos selvagens.

Essa protecção, como já vimos, consistia em attrahir o caboclo para escravisa-lo á Companhia, e não foi noutra condição sinão na de verdadeiros escravos, que os indios estiveram ao serviço dos jesuitas.

A questão mais espinhosa que havia em todo o Brasil, diz Porto Seguro, não era o das minas, que seguia pacificamente, como pouco rendosa, era a dos indios, «aos quaes os religiosos da Companhia tanto queriam *amparar*, que chegava a ser impossivel a nenhum morador, excepto aos mesmos religiosos, o valer-se do serviço delles, ainda mediante contractos de paga de aluguer ou soldada. E o peior era que os padres tinham tambem fazendas e engenhos, e os seus generos competiam no mercado com os do povo, que pagava mais caro os braços que necessitava para a sua industria.»

Foi isso que levou os paulistas a organizarem *bandeiras*, verdadeiras caçadas, que tinham o fim de aprisionarem e escravisarem os bugres do alto sertão. A lei de 11 de novembro de 1595, porém, deu golpe de morte na ferocidade sanguinaria dos paulistas, — ordenando que se houvessem por livres todos os indios captivados em guerras. O encarregado de executar essa lei foi o governador interino D. Francisco de Sousa, que no dizer de Porto Seguro, não se mostrou demasiado rigoroso em S. Paulo.

«Apesar disso, é certo que durante o governo do mesmo D. Francisco, se augmentou ainda a preponderancia dos jesuitas no governo do Brasil, com o ficarem senhores, não só da instrucção publica, apresentando-se com os 3 collegios da Bahia, Rio e Pernambuco, no primeiro dos quaes, além das primeiras letras e latim, ensinavam a theologia, mas tambem do governo e administração dos indios, pelo alvará de 26 de julho de 1596, que lhes concedeu esse previlegio, com preferencia a todas as outras ordens e a todos.

Do favor por D. Francisco concedido aos padres, pode-se ter ideia pelo seguinte facto: Nas guerras contra os indios, teve Feliciano Coelho de incendiar e destruir algumas aldêas onde prégavam os mesmos padres. Requereram estes ao governador para que Feliciano Coelho fosse obrigado a idemnisa-los, por haver destruido aldêas que já *eram delles*, e o governador, longe de zelar pela jurisdição régia, despachou-lhes: «*Como pedem*».

Coelho ao contar o facto a el-rey, accrescenta: «Se vossa magestade não olha por isto, nem manda o que se ha de fazer sobre este particular, (dos indios) haverá grandes dissenções e rebelliões entre nós, e antes de muito nos degolaremos uns aos outros.

A's favoraveis informações do mesmo governador deveram ainda os padres os dois escandalosos alvarás de 20 de julho de 1604 para que os da Bahia podessem apontar dos engenhos, onde houvesse assucar, aquelles que escolhessem, sendo-lhes os seus 3.000 cruzados de mantimento, abonados nesse assucar, avaliados a 700 réis, por arroba; e que os do Rio recebessem tambem em assucar, ao mesmo preço, o seu conto de réis, em Pernambuco, onde o assucar era inquestionavelmente melhor do que no Rio.»

O governador D. Francisco não estava na altura do seu cargo; era homem de ideias e processos jesuiticos, e o povo o alcunhára de D. Francisco *das manhas*. Chegando ao conhecimento da côrte portugueza noticia do machiavelismo com que se portava D. Francisco, foram expedidas ordens tendentes a cercear-lhe a autoridade. Emquanto, porém, essas ordens eram expedidas de Portugal, diz Porto Seguro, D. Francisco punha em jogo todas as suas *manhas* e o favor dos jesuitas na côrte de Hespanha e obtinha grandes concessões até para descobrir minas!

Ao desidioso D. Francisco succedeu no governo Diogo Botelho, e logo os seus primeiros cuidados foi repor as cousas nos seus logares, exterminando alguns abusos a que haviam dado lugar as negligencias do seu antecessor. Entre outras coisas se oppoz aos aforamentos *in perpetuam*, que algumas camaras haviam feito aos jesuitas, e esse acto de justiça e de moralidade administrativa concorreu para inimizades que os jesuitas e o bispo votaram desde logo ao governador.

Outra causa de queixa dos jesuitas conta Diogo Botelho, surgiu do facto de haver esse «desapprovado, como ineficazes e menos uteis ao Estado os meios adoptados pelos padres de os aldear collectivamente.»

A Companhia de Jesus fez varias tentativas para se apoderar do governo do Maranhão e só desistiu da empreza diante do malogro da expedição nomeada pelo provincial Fernão Cordeiro e composta dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, para explorar a serra de Ibiapaba. Antes havia já sido mal succedida uma expedição ao mando de Pero Coelho, mas os jesuitas «informados da bondade dos ares da mencionada serra e da excellencia e fertilidade do terreno das suas frescas veigas, entenderam que os indios daquellas regiões haviam de se *abalar para os receber e leva-los a tomar posse de todos aquelles mundos*.» Valendo-se dos previlegios que lhes concedia recente alvará (de 26 de julho de 1596), pediram favor do governo para irem fundar missões na dita serra. Os favores e ordens vieram, os jesuitas partiram acompanhados de indios e artigos para resgate mas foram malogrados em sua empreza. Dos padres apenas sobreviveu Luiz Figueira, a quem devemos uma grammatica da lingua tupy.

As ambições desmedidas dos jesuitas topavam, ás vezes, difficuldades insuperaveis!...

O governo do Brasil succedia-se, passava de umas mãos para outras; novos governadores vinham do reino, com novas ordens, novos projectos, novas ideias; só os jesuitas não mudavam; mantinham-se tenazes, persistentes nas suas diabruras. D. Diogo de Menezes veio succeder a Diogo Botelho e encontra os padres da Companhia no mesmo pé, na questão dos indios, e por isso, diz Porto Seguro, teve que prestar muito séria attenção a essa contenda, vendo-se algum tempo a braços com os jesuitas e o bispo, que pretendiam participar da jurisdição temporal ou gogernativa, que só a elle competia, como delegado immediato da regia autoridade.

Por aqui se vê até onde queriam os perfidos comparsas de Loyola levar as suas tendencias absorventes de polvos que tudo pretendi m enlaçar nos seus formidaveis tentaculos.

No proximo artigo tratarei da nefasta passagem dos jesuitas pelas plagas brasi eiras.

Mucio da Paixão.

HOSTIAS AMARGAS

Esse homem — Jesus Christo — affirmou de si proprio que era Deus — Foi esta a these da segunda conferencia quaresmal do sr. D. Sebastião Leme, na cathedral do Rio de Janeiro.

E quando o tivesse feito, que provaria isso?

Não faz muito, saiu a lume, em Paris, uma obra do dr. Binet-Sanglé, segundo a qual Jesus seria um theomano, sendo a theomania — forma de loucura na qual o individuo se crê uma divindade — uma psychose muito commum nos degenerados superiores.

Demos de barato que Jesus tivese affirmado que era Deus. *Quid vide?*

Qual esse fundador de seita religiosa, de Budha até Allan-Kardec, com escalas por Mahomet, Luthero e exceptuando-se apenas Augusto Comte, qual esse, dizemos, que não se inculcou como Deus, filho de Deus, confidente ou enviado especial de Deus?

Allegação por allegação, então deveriamos ter Mafoma na conta de superior a Christo, porque elle assim o affirmou a seus discipulos.

Pretenção por pretenção, tambem um celebre imperador romano disse ao expirar: — sei que vou me tornando Deus.

Mas, Jesus terá, de facto, affirmado de si proprio que era Deus?

Respondam-nos os Evangelhos canonicos.

Tanto em Matheus, como em Marcos, em Lucas e em João vê-se que Jesus se proclamava sempre o Filho de Deus, o medianeiro entre Deus e o homem, tendo, porém, um cuidado especial em que ninguem o confundisse com o mesmo Deus, para cuja gloria elle pretendia que trabalhava e em cujo nome elle protestava que agia.

Christo, conforme a narrativa dos evangelistas, queria que todos o cressem identificado com o pensamento divino, de que elle era o orgam perante os hebreus, mas não admittia que os seus compatriotas vissem nelle o mesmo Deus.

Entre outras passagens dos Evangelhos, que corroboram a nossa asserção, basta-nos citar aquella em que, dando-lhe um moço disposto a seguir os seus ensinamentos o qualificativo — bom, elle replica-lhe: — «Porque me chamas tu bom? Ninguem é bom, senão só Deus».

E como esse, poderiamos trazer á collecção diversos outros episodios dos quaes, á simples leitura, se deprehende que Christo jamais quiz ser considerado um Deus pelos seus discipulos e proselytos.

Passemos agora á these da terceira conferencia, cujo enunciado é o seguinte:

Jesus Christo provou com numerosos milagres a affirmação que era Deus.

Ignoto.

Carolismo habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.

DA PORTA DE EUROPA

Arrependimento ou benevolencia satisfeita? — Os tribunais militares julgarão poucos réus — Faltam as provas de conspiração — Uma manobra governamental muito antiga: propagandistas com vagabundos e degenerados — O unico monarquista apanhado na rêde — O que resta do imaginoso conluio — Jornais ingleses em refôrço do «Intransigente» — O perigo de indispor as populações urbanas — A minoria propulsora: o seu escopo, a sua tarefa e as suas reinvindicações do momento — Democratismo e sindicalismo — Profunda verdade dum paradoxo aparente — Para trás, jámais — Republica à prova de asneira.

LISBOA, 11 DE FEVEREIRO

A suspensão de garantias e o govêrno militar continuam, mas já terminou a censura prévia militar, que atingiu e desgostou até alguns dos jornais afeiçoados ao ministerio e que foi exercido com um critério por vezes gracioso e pinturesco...

E em breve devemos regressar à situação normal — salvo os tribunais militares, para o julgamento sumário dos pseudo-conspiradores — por uma razão que cheira pouco a idealismo e a amor à liberdade: para não prejudicar, nesta divertida época do carnaval, as doidas alegrias do deus Momo e os consideraveis interesses comerciais que êle patrocina...

Aos proprios tribunais militares parece que será dada escassa prêsa, pois que os juizes investigadores estão a soltar a maior parte dos detidos, quer na Casa Sindical, quer na rua ou nas rusgas policiais.

Estará o governo arrependido das excessivas medidas tomadas, num momento de desorientação e de pánico? Ou, tendo alcançado o seu fim, a morte da greve pela violencia e sobretudo pela suspeição caluniosa, pretende agora ir largando a mão e lançando sobre os sucessos o veu dum comodo esquecimento?

Subsistem entretanto os tribunais militares, aos quais uma lei excepcional e de efeito retroactivo entregou o julgamento sumário dos prêsos, em grupos; e naturalmente o operariado consciente e os homens independentes teem de acudir em defesa dos seus, por pouco que êles sejam.

O perigo está na forma do julgamento e na natureza do tribunal, porque, quanto à acusação manhosa ou idiota de conspiração monárquica, é evidente para um numero cada vez maior de pessoas que não se poderá manter. Se o govêrno tivesse provas de tam monstruoso e inadmissivel conúbio monarquico-sindicalista — observa judiciosamente um jornal operario parisiense, conhecedor da manobra — já as teria solenemente apresentado, trombeteando-as para todos os recantos do globo. Em vão, porêm, os ingenuos pedem provas e as autoridades dão repetidas buscas à sede sindical: as provas não aparecem nem aparecerão, a não ser que as fabriquem ou que as fantasiem onde elas não estão.

Empregando um manejo tam conhecido como perverso, o governo envolveu na mesma rêde sindicalistas, um monarquista e essa mísera escória social, abundante sobretudo nos grandes centros e composta de desgraçados, tarados, fadistas e impulsivos, tristes ornamentos da nossa admiravel civilização capitalista. Este amálgama forçado e capcioso faz figura de prova aos olhos da vasta e simpática tropa dos simplorios e dos cretinos e desacredita, para o mesmo público, os propagandistas inteligentes e desinteressados que vão na cambulhada policial.

Os simplorios acreditam e aplaudem os salvadores da Republica, mas a opinião não é por êles unicamente constituida: ha outra que exige mais e não esquece facilmente, e para satisfazer esta é que o governo se verá embaraçado. Quanto ao unico monarquista preso, um ex-ministro do rei, José Azevedo Castelo-Branco, regressado ha pouco do Brasil, já se diz que nenhuma prova existe da sua intervenção nos acontecimentos. Seria aliás necessario provar que foi êle quem incitou as autoridades de Evora a encerrarem as associações, ainda antes de ser um facto a greve, e a prenderem e fuzilarem os grevistas, e quem dirigiu a campanha de indignação e protesto de certos jornais republicanos.

Que restará pois da maquinação?

Nada mais que o desgôsto e o resentimento da parte mais activa e independente do proletariado. E' o que, com indiscutivel bom senso, é posto em relêvo pelo jornal de Machado Santos, o «heroi da Rotunda», que acaba de ter o prazer de ver o seu parecer confirmado por graves e conspicuos jornais britanicos, conhecidos pela sua benevolencia com a Republica Portuguesa. Um deles, o *Manchester Guardian*, acha dificil o regresso da monarquia. «Mas ha um perigo, — ajunta a folha inglesa — e é que o Govêrno use com demasiada severidade da repressão e angarie mais inimigos de que é preciso. E' de esperar que evite este escôlho. Se proceder com moderação, os monarquistas pouco apoio encontrarão nas grandes cidades. Mas imitar as severidades da monarquia seria cultivar a impopularidade.»

Nada mais justo. A Republica precisa de contar com as cidades; e para isso não pode, muito especialmente, irritar e maguar o proletariado industrial, ou o que vale quasi o mesmo — a minoria activa que lhe serve de fermento.

Dessa minoria, que trabalha pela organização e educação do operariado para que este possa um dia abolir as classes sociais pela apropriação e exploração colectiva do solo e de todos os meios de produzir e pela administração directa da produção, e que, entretanto, nada reclama do Estado além do respeito das liberdades essenciais e das vidas dos trabalhadores, — dessa minoria nada tem a Republica que recear por em quanto.

Embora isto pareça à primeira vista um paradoxo, essa minoria que ao democratismo opõe o sindicalismo, isto é, que ao govêrno dos representantes e delegados, forçosamente incompetentes em cada questão especial, opõe a gerencia directa pelos proprios productores, pelos interessados, pelas competencias técnicas e a livre federação dos grupos produtores, — é contudo mais republicana do que os proprios republicanos oficiais e oficiosos!

Efectivamente, estes ultimos, por despeito ou por desilusão, podem facilmente recair nos braços da monarquia, da qual aliás muitos dêles vieram sem grande esfôrço nem profunda mudança. Para os sindicalistas não ha despeitos nem desilusões possiveis: da Republica nada esperavam, nem para satisfação pessoal, nem para emancipação do trabalho; ou só esperavam precisamente os salutares efeitos do desengano da maioria trabalhadora. E como este desengano levará ainda longos e pacientes anos de regime democrático, regressar à monarquia, à outra forma politica espúria, da sociedade burguesa, seria para o sindicalismo um verdadeiro e serio retrocesso: seria um novo período de esforços e energias populares roubados à organização operária independente e à acção de classe pela esperança democrática do povo e pelo fogo tribunício dos demagogos.

O governo talvez não saiba ou não queira ver estas coisas, e está porventura perfeitamente convencido do que afirma: que as greves podem ser aproveitadas pelos realistas! que as lutas economicas são «desordens» nocivas ao país e ao regime! e que os actos de «energia» dão prestígio ao poder, cá dentro e lá fóra! Dizem-no, sem pestanejar, os que, pela violencia, tanto concorreram para o alargamento do conflito e irritação dos animos, em quanto noutros países, na Inglaterra, Belgica, etc., em frente de greves bem mais tempestuosas, se faz uso de bem maior prudencia e sangue-frio!

Como se as pomposas medidas excepcionais pudessem dar a impressão de serenidade e de força!

O que vale é estar a Republica à prova de disparate; como dizia ha dias o *Intransigente*, não ha asneira que a parta, nem raio de insania que a derrube. Mesmo porque voltar à monarquia não faz sentido para pessoa alguma, e muito particularmente para os sindicalistas.

Neno Vasco

A IGREJA E A SCIENCIA

VIII

Já dissemos (artigo VI) que os progressos realizados pelos homens no terreno da sciencia não foram por inspiração de Deus, suggestões da Biblia ou consentimento da Igreja, mas sim contra as decisões do primeiro, os ensinamentos da segunda e a vontada da terceira. Com effeito, não houve uma invenção, um descobrimento, de que adviesse bemestar á humanidade que a Igreja não o taxasse logo de impio e o amaldiçoasse em consequencia. Christovam Colombo foi appodado de louco quando sonhou com a existencia doutro continente; Fernão de Magalhães (1) foi arguido de visionario quando demonstrou — contra a autoridade da Biblia e da Igreja — que a terra era redonda; Copernico guardou o seu segredo sobre a «Revolução dos Corpos Celestes» até a hora da morte, por medo de ser censurado e talvez queimado; e Giordano Bruno foi queimado em Roma em 1600, por affirmar o que toda a gente hoje sabe: a pluralidade dos mundos, assim como Vanini, que foi calcinado em Tolosa, por dizer que as especies animaes provinham das materias vigetaes em decomposição.

No decorrer deste trabalho ainda havemo-nas de occupar mais detidamente desses crimes ecclesiasticos; mas, por emquanto, procedamos por partes.

A sciencia profana, confrontada com a sagrada, resulta um acervo de impiedades de que facilmente se tiram as consequencias. Uma sciencia divina não admitte progresso nem regresso: dahi a sua immutabilidade. Tudo o que não concorde com tal sciencia é uma heresia. A palavra de Deus não póde soffrer réplica. Se Deus affirma (o que aliás é bem terminante) que creou a terra antes do sol, é preciso curvar-se; se diz que a lua é um luzeiro (com luz propria), forçoso é acredital-o; se estabelece que as estrellas foram creadas num só dia para luzirem sobre a terra, é necessario acatal-o; se ensina que Josué parou o sol, é preciso não discutil-o; se nos prescreve, emfim, que um dia se acabará o mundo, que as estrellas cahirão e os mortos resuscitarão, é necessario crel-o sob pena de eterna condemnação. Até ahi chega a sciencia divina.

E a respeito de tudo isso, que diz a sciencia humana?

Diz que toda essa «sciencia sagrada» é um piedoso conjuncto de absurdos e sandices, visto que a terra não foi creada antes do sol, mas, pelo contrario, este é que existiu muitos milhões de annos antes daquella; que a lua não têm luz propria, porque a recebe do sol; que as estrellas não foram creadas «num só dia», como se póde vêr pela analyse espectral, mas em differentes épocas; que não foram feitas para luzirem sobre a terra, porque cada uma de per si representa um sol com seu respectivo cortejo de planetas (2); que a parada do sol por mandado de Josué é um tão grosso dispante que não merece a honra de uma refutação; que o mundo ou universo, emfim, jámais se acabará, porque a materia é immortal, e toda e qualquer existencia de materia, implica, por isso mesmo, a organização e a ordem.

Como se vê, as consequencias que se deduzem de todos esses ensinamentos da sciencia são verdadeiramente assustadoras para a religião; e razão têm os theologos quando vociferam que a sciencia é impia, athea e falsa. Se a materia é eterna, significa simplesmente que Deus não a creou; a inutilidade, pois, de Deus para explicar a existencia da materia é manifesta. (3) Por outro lado, se o sol existe antes da terra, então, ou Deus mente, ou a Biblia nos engana. Se a lua não tem luz propria, então a escriptura é mentirosa, e por isso não nos merece nenhum credito. Se cada uma das estrellas representa um sol com seus respectivos planetas, então esses planetas devem ter habitantes.

E como é que esses habitantes podem descender de Adão e Eva?

(Continúa).

José Martins.

(1) Fernão de Magalhães, navegante portuguez ao serviço de Hespanha, foi o primeiro que deu a volta á terra (1519-21). Falleceu nas Filipinas combattendo os indigenas.

(2) Segundo Flammarion («Narrações do Infinito», «Pluralidade dos Mundos Habitados» e «Astronomia Popular»), só na Via-Lactea (caminho de S. Tiago, 36 trilhões de kilometros de circumferencia) existem 18 milhões de soes.

(3) «Tenho examinado o céu em todos os seus recantos e em nenhum delles encontrei signaes de Deus.» O que acima transcrevêmos foi dito por Lalande, celebre astronomo.

E Napoleão I, tendo interrogado Laplace acerca da missão do nome de Deus na sua «Mecanica Celeste», respondeu-lhe: — «Senhor, não tive necessidade de semelhante hypothese».

Aos assignantes da Mogyana

Participamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começará na proxima semana a cobrança por essa zona.

São as seguintes as primeiras cidades a serem visitadas: **Amparo, Serra Negra, Mogy-Mirim, Espirito Santo do Pinhal, Mogy-Guassú, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Vargem Grande, Casa Branca, S. José do Rio Pardo, S. Sebastião da Gramma, Mocóca, Tambahú, São Simão, etc.**

O resto do itinerario será publicado depois.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

Assim procederão todos aquelles que são sinceramente amigos da *Lanterna*.

12 de Março

O caso mysterioso de Idalina attingiu o culminante ponto. Havia sido desmascarado, para vergonha de seus autores, o repugnante entremez da falsa Idalina. Os animos estavam superexcitados. O delegado de policia, relapso no cumprimento de seu dever, não abrira, como lhe cumpria, inquerito para descobrir os autores da nefanda comedia. A accusação dirigida ao director do estabelecimento, cognominado o Orfanato sinistro, persistia. A defesa sem base, que apresentaram os accusados, tinha sido pulverizada. Nessa occasião, amparados pela Constituição, homens corajosos e resolutos resolveram protestar contra a clara parcialidade da policia com os padres, que se mantinham silentes.

Arbitraria, violentamente, a policia prohibiu o annunciado *meeting* de protesto. Fortes pela consciencia de seu direito, os autores do *meeting* insistiram em leva-lo avante.

E assim foi. O convite feito foi attendido. E a policia, a policia seraphica do dr. Pinheiro e Prado atacou com extraordinaria bravura o povo desarmado. Seguiram-se scenas hediondas de vandalismo. Prisões se effectuaram. Mas se a policia pensou que assim fazia calar as vozes dissonantes que vinham perturbar a paz, a serenidade, o somno tranquillo dos ministros do Senhor, com a irritante pergunta: «Onde está Idalina?» enganou-se. A reacção manifestou-se vehemente. A nenhum de nós, que por um dever de solidariedade humana tamamos parte saliente na cruzada emprehendida em pról da verdade e da justiça, a nenhum de nós amedrontaram as violencias da policia.

A justiça paulista — honra lhe seja — não pactuou com os desmandos da policia, prepotente.

Gastão Mesquita, o integro juiz, absolveu os envolvidos em especioso processo. Honra ao illustre magistrado! Honra á magistratura paulista!

Salve, S. Paulo!... O procedimento da policia só teve um resultado — estreitar nossa união. E quando, decorrido pouco menos de um anno depois dos factos vergonhosos de que foi theatro a adiantada capital do mais importante Estado do Brasil, o jury foi chamado de surpreza para julgar Maria Luiza ou Itala Fonte, a nossa victoria foi brilhante. O jury julgou não provada a existencia da mulher-fantasma.

O *meeting* a que nos referimos no principio de nosso artigo se realizou a 12 de março do anno proximo passado.

E' essa data que solennizamos, pois a campanha terminou, graças ao integro juiz Gastão Mesquita, com a derrota do clericalismo embrutecedor e de sua alliada — a policia! Derrota essa que se consummou na sessão memoravel do jury, em que 12 jurados proclamaram ser um mytho a famosa Maria Luiza.

S. Paulo, a terra de José Bonifacio, S. Paulo inicia a reacção contra o clericalismo, que nos procura envolver em seus tentaculos de polvo!

Salve S. Paulo!... Salve terra illustre!... Nunca serás presa dos homens de roupeta!... Salve S. Paulo! Que teu exemplo frutifique!... Que teu exemplo seja seguido por todo o Brasil!...

Terra da liberdade! Terra illustre e bemfazeja! Salve, S. Paulo! Salve!

Rio, 3 — 3 — 912.

Eduardo Vital.

N. DA R. — O nosso estimado collaborador exaggera os seus louvores á justiça deste Estado.

E' justo registar o acto de independencia do dr. Gastão de Mesquita, mas não devemos olvidar a conducta do Tribunal de Justiça, que reformou a sentença daquelle juiz pronunciando o dr. Passos Cunha e Oreste Ristori.

Andou tambem acertadissimo o Tribunal do Jury com a sua sentença absolvendo a fantastica raptora de Idalina.

Entretanto devemos clamar bem alto que a Justiça continúa a deixar em paz os criminosos do Orfanato, mesmo depois da citada sentença do Jury.

E' preciso ainda não nos esquecermos de que estamos sendo processados por causa do comicio de 12 de março.

Ha razões para louvores? Por certo que não?

NO CONVENTO

Ao Edgard Leuenroth.

Quando o padre jesuita, á noite, dorme
O somno agitadissimo do injusto,
Vem despertal-o um pesadello enorme,
Que o faz esmorecer, tremer de susto.

E o monstro pesadissimo e disforme,
Levantando do leito o corpo adusto,
Despe a batina soez, negro uniforme,
Vae-se, rojando, muito a medo e a custo,

E dirige-se ao quarto da abbadessa,
Desbriada caftina do convento,
Que ali dorme tambem, tal como um odre;

Vae pedir, para allivio do tormento
Que lhe pesa, medonho, na cabeça,
Mais um *peccado* para a alma podre.

Mogy-guassú, 14 de janeiro de 1912.

Zé Daniel.

PELO NOSSO CAMPO

EM S. CARLOS

Segundo uma noticia do nosso valioso collega *O Commercio de S Carlos*, deve ter sido installada, no dia 6 do corrente, naquella cidade, a séde da União dos Livres-pensadores de S. Carlos, fundada para dar combate á lepra clerical que está assolando aquella sympathica cidade, séde de um dos estabulos dessa vil canalha.

Um bravo! aos valorosos companheiros de luta que constituem aquelle baluarte da nossa causa pelo espirito de persistencia que estão dando mostras.

Quando farão o mesmo os anticlericaes e livres-pensadores das demais cidades do Interior?

Oxalá possamos dentro em breve dar igual noticia de outras localidades.

A NOSSA INPRESSA

A Voz do Trabalhador — E' este o titulo de um excellente periodico que. em 9 do mez passado, iniciou a sua publicação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sob os auspicios do Circulo Operario de Propaganda Impressa.

O novo batalhador está muito bem redigido, discutindo com firme criterio as questões que se ligam á classe trabalhadora.

E' o seguinte o seu endereço: rua Santo Antonio, 157, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A Guerra Social — Este sympathico periodico de propaganda libertaria que se publíca no Rio, está agora, conforme já noticiamos, aparecendo semanalmente, ás quartas-feiras, sempre cheio de boa materia de agradavel e proveitosa leitura.

A sua redacção está situada á rua do Senado, 69, devendo, entretanto, a correspondencia ser-lhe enderaçada para a Caixa Postal 1427, Rio de Janeiro.

Secção amena

Um prégador de aldeia bramava contra as paixões. Entre outras coisas, disse aos seus ouvintes, que o escutavam de bocca aberta:

Meus queridos irmãos, devemos vigiar as nossas paixões. Lembraivos sempre da paixão de Christo: só teve uma, e bem sabeis aonde ella o conduziu!

(L'Asino).

Historico.

Um professor de Viseu (Portugal) explicava historia sagrada e discorria sobre o diluvio:

— A agua subiu sete covados acima das mais altas montanhas. Afogaram-se todos os animaes domesticos, taes como: bois, cavallos, cães, gatos, cabras, porcos, *cebolas*...

A candidatura do padre Faustino

Chegou emfim o dia tão ansiosamente esperado para, nas barbas dos representantes do poder clerical desta terra, ser lançado o nosso protesto, cheio de troça, pleno de ironia, contra a protecção que dispensam aos criminosos do Orfanato.

Está satisfeito o nosso desejo, o nosso fim foi alcançado.

Por toda a parte riu-se a bom rir a custa dos impagaveis (impagaveis, para não dizer mais) senhores da governança e das suas farças.

Os diarios fizeram a conjura do silencio, mas nem por isso se deixará de saber que o padre Faustino foi consagrado chefe dos sacristãos que estão lá pelas alturas...

Ridendo castigat mores...

EM S. PAULO

Tambem nesta capital o sagrado protegido das altas espheras da sociedade paulista recebeu uma boa quantidade de votos, pese isto embora á imprensa diaria, que não mencionou a votação dada ao padre Faustino.

O *Correio* ainda deixou escapar alguns votos dos que foram apurados na Moóca.

Muita gente destinou o dia 1.º para desopilar o figado com boas gargalhadas.

Quantas pessoas não foram pela primeira vez assistir á apuração eleitoral...

E não perderam o seu tempo, pois tiveram occasião de apreciar uma boa fita.

Por todos os districtos appareceram votos a lembrar o crime de que Idalina foi victima e a cumplicidade dos governantes com os criminosos.

No Braz então foi um verdadeiro successo. Sempre que eram apregoados os votos dados ao virgem e martyr, ria-se a valer, ouvindo-se tambem a pergunta:

Onde está Idalina?

EM BAURU'

Em Baurú a fraude attingiu a proporções inconcebiveis.

Mas a vingança ha de ser terrivel. Todos os apuradores que roubaram votos ao virgem candidato serão internados no Orfanato, sob a protecção de S. Faustino...

O nosso correspondente daquella cidade escreveu-nos a seguinte carta:

«A' eleição que se effectuou no dia 1.º de março os eleitores *consonianos* concorreram em numero tão elevado que, na apuração dos votos, os mesarios, compostos de alliados dos *abafadores*, ficaram espantados, e fizeram a apuração das eleições com o livro de presença de eleitores, motivando um protesto firmado por alguns eleitores, que foi publicado no orgão local *O Tempo*.

A bem da verdade peço rectificar a noticia do ultimo numero da *Lanterna*, onde diz que o *Tempo* commentou o boletim espalhado pelos anticleriaes, convidando o povo a votar no padre safardana quando foi *O Baurú* que deu a mencionada noticia.

Baurú, 3 — 3 — 912. — *O Correspondente*.»

O Tempo, nosso collega local, protestou contra a falta de civismo dos srs. mesarios.

São suas estas considerações:

«Como se sabe, haviam dois candidatos avulsos. O padre Faustino Consoni apresentado pelos anticlericaes e o sr. Rodolpho Miranda.

Esses dois candidatos que nenhum mal podia fazer á chapa official e sómente representam o protesto de uns e a louvavel firmeza de convicções de outros, obtiveram votos que, não sabemos porque, não foram apurados.

Não havia necessidade de se fazer subtracção de votos desses dois candidatos para se dar maior votação aos candidatos da maioria. Esse processo, sobre ser illegal, é revoltante porque torna uma burla a verdade das urnas.»

Como diz o nosso correspondente na sua carta, diversos eleitores publicaram um protesto nas ineditoriaes do mesmo jornal.

Com toda a indignação que nos provoca essa flagrante prova de rebaixamento politico, lançamos aqui o nosso protesto contra a fraude de que fizeram victima a virgem personalidade do Orfanato.

Ainda desta cidade recebemos um abaixo assignado contendo 193 assignaturas de pessoas que, servindo-se do nosso plebiscito, lançam o seu protesto contra a impunidade de que gosam os criminosos do Orfanato. Se o espaço no-lo permittir, publica-lo-emos no proximo numero.

EM BEBEDOURO

Da nossa collega desta cidade *A Vanguarda*, transcrevemos este trecho da sua noticia sobre a eleição:

«Ha tambem um candidato extra-chapa, e é o revmo. padre Faustino Consoni, virgem e martyr, cujo nome será suffragado pelo partido anticlerical em memoria da menor Idalina, desapparecida do Orfanato Christovam Colombo, dirigido pelo mesmo candidato, cuja candidatura foi levantada pelos jornaes da capital — *A Lanterna* e *La Battaglia*.»

EM JAHU'

Tambem nesta cidade muitos correligionarios aproveitaram-se da eleição para lançar o seu protesto contra a protecção dispensada pelas autoridades ao virgem e martyr Faustino.

De lá recebemos a seguinte carta:

«Sr. Edgard Leuenroth:

Participo-lhe que assim como eu, diversos amigos nossos votaram no santo padre Faustino Consoni, director do Orfanato sinistro.

O *Correio do Jahú* mencionou alguns, mas a maior parte foi abafado, por não termos nomeados os nossos fiscaes.

Jahú, 4 — 3 — 912. — *João de Camargo Barros*.»

EM PASSA QUATRO

Apesar de todo o seu cuidado, o *Estado* deixou escapar um voto dado ao padre Faustino em Santa Rita do Passa Quatro.

Todos, todos conspiraram contra o nosso candidato! Oh! Como tem caido a moralidade politica!

EM BROTAS

Sr. director da *Lanterna*:

Em vista dos jornaes desta capital não terem publicado o resultado das eleições aqui realizadas a 1.º de março, aos quaes telegraphamos, pedimos-lhe o obsequio de dar á publicidade o resultado aqui obtido pelo *padre Faustino Consoni*, que foi o seguinte:

Para presidente do Estado:

1.ª secção teve 9 votos
2.ª » » 34 »
3.ª » » 40 »

Total. . . 83 »

Resta-nos a satisfação de que os jornaes não quizeram publicar o resultado, mas o mesmo está exarado nas actas, o qual não poderam deixar de apurar, visto instancias de amigos. Para finalizar pergunto eu: Onde está Idalina?

Brotas, 3 de março de 1912. — *Viatolino*.

EM QUELUZ

Estupefaciente a victoria do nosso illustre candidato padre Faustino, que alcançou no pleito de hoje a estrondosa maioria de 0000,0 votos contra os demais candidatos, que foram unanimemente derrotados.

Viva o nosso futuro presidente!

Queluz, 1 — 3 — 912. — *Seth Latour*.

EM GUARATINGUETA'

Felicito o redactor da *Lanterna* pela victoria que o nosso candidato alcançou nesta cidade, com a vasta maioria de zero votos.

Não foi visto jámais semelhante victoria eleitoral no Brasil.

Salve a ratazana de batina!

Guaratinguetá, 1 — 3 — 912.

Pierre Latour de S. Amorim.

As adhesôes recebidas

«Junto segue o meu voto para que S. Consoni consiga a presidencia do... xadrez.

Bello Horizonte. — Theophilo de Oliveira

***

Junto a esta o meu votinho para a fera do Orfanato, que tão sabiamente escolheram para presidente do Estado — o augusto, santo, virgem e martyr padre Faustino.

Sorocaba. — José de Castro Lima.

***

«Companheiro Leuenroth:

Muita saude e poucos Consonis.

Pela primeira vez na minha vida faço uso do voto; não o posso negar, apesar das minhas crenças politicas, a tão grande personagem.

Se dependesse de meu voto a victoria de Benjamim Mota ou de qualquer homem de ideias politicas avançadas para occupar um lugar legislativo ou administrativo, devo dizer francamente que ficaria sem elle, mas para uma individualidade tão util e tão necessaria, não só dou o meu voto, como daria gostosamente alguns annos de minha vida para tão colossal triumpho.

S. José do Paraizo. — Modesto Casanova.»

***

Incluso remetto-lhe uma cedula, votando no celebre Consoni para presidente da immoralidade clerical do Estado de S. Paulo.

S. João da Fortaleza. — João Odorico Ferreira da Cunha.»

***

«Como eleitor, não podia deixar de concorrer á eleição que ora se pleiteia no Estado de S. Paulo, onde se sustenta o nome de Faustino Consoni para a presidencia da justiça bandalha.

Ahi vai, pois, a minha cedula.

Monte Santo. — Erasmo Cypriano Freire.

***

Junto envio-lhe a minha cedula para o candidato padre Consoni, ao qual dou o meu voto, desejando vê-lo na presidencia para a salvação dos gloriosos governantes do nosso Estado.

Nazareth. — Antonio Simões dos Santos.»

***

«Mesmo não sendo eleitor, por saber que os mandões servem-se das eleições, comprando as consciencias pouco escrupulosas, para galgar posições, não posso deixar de aproveitar o ensejo de, enviando a minha cedula ao maior dos bandalhos, padre Faustino, protestar contra as suas farças e perguntar: Onde está Idalina?

S. Paulo. — F. C. Almeida

***

Foi uma boa ideia a de se votar no padre Faustino para demonstrar quantas pessoas o destinguem com o seu odio.

Santos. — A. D. Pereira.»

***

«Como independente e livre, apoio a candidatura para presidente do Estado do urubú do Ypiranga.

Uberaba. — Roque Cortez.

***

Uma vez que a *Lanterna* me dá o direito de votar, voto para presidente desse Estado no consumidor de Idalina — padre Faustino Consoni.

Uberaba. — Manuel Camanho.

***

Sendo nós catholicos e devotissimos do santo padre Faustino Consoni, a elle damos o nosso voto para que consiga a presidencia do Estado, onde estará no seu lugar.

E repetimos a pergunta que se faz por toda a parte: Onde está Idalina?

S. Paulo. — Massimino de Lucca e Lodovico de Lucca.»

***

«Approvando a resolução dos valentes batalhadores em pról da infancia desvalida, venho com esta patentear a minha solidariedade com os intemeratos jornalistas Edgard Leuenroth e Benjamim Mota, concorrendo com o meu voto para a eleição do padre Faustino, a presidencia do Estado.

Porto Feliz. — Aquilino Adolpho Oliveira.»

IMPOSSIVEL

Puderam os padres roubar os haveres de mais de 15.000 familias (Inquisição. Reinado de Carlos II); puderam fazer perecer no fogo mais de 80.000 pessoas (Philippe II); puderam supplicíar e assassinar 10.000 victimas que lhe não quizeram dar dinheiro; puderam lançar 800 protestantes de uma só vez em uma grande fogueira em Sevilha; puderam obrigar o immortal Galileu a jurar que a terra não se movia; puderam supplicíar Kepler e Copernico; puderam armar guerras e questões na Europa; puderam matar quasi todos os protestantes da França (S. Bartholomeu); mas não puderam, não podem, nem poderão impedir que a *Lanterna* lhes pergunte:

ONDE ESTÁ IDALINA?

Seth Latour.

Erotismo mystico

Extracto das *Rèvélations de sainte Gertrude* (Imprimerie Saint-Augustin, Lille):

«Jesus pareceu fazer sair do seu coração um tubo de oiro, o qual, tendo descido em forma de lampada, estabelecia como que um canal por onde derramava sobre Santa Gertrudes a abundancia das suas graças.

«Depois de ella ter assim saborcado durante algum tempo a doçura dessas santas delicias, foram-lhe cantadas por uma harpa estas palavras: «Vinde a mim, minha bem-amada. Entrai em mim, delicia minha! Ficai commigo, meu amor!»

«Este extase durou perto duma hora e a santa foi attrahida de maneira maravilhosa no coração de Jesus pelo canal sagrado de que acabamos de falar, de modo que ella se sentiu venturosamente repousar no seio do seu Esposo. O que ella sentiu, o que ella viu, o que ella ouviu, o que ella gozou, só ella o pode saber.»

Com effeito!

Excellente documento este para um psychiatra.

Brigam as comadres..

O *Labaro*, no seu ultimo numero, passou uma reverenda tunda na *Luz da Apparecida*, procurando por todos os meios e modos rebaixar e amesquinhar o seu collega, tomando para isso de uma «pose episcopal» para melhor soltar cobras e lagartos emcima do beato jornaleco do conego Marques Henrique.

Taes verdades disse a *Luz da Apparecida* que caiu no desagrado do seu collega de Taubaté, perdendo por causa disso a protecção de N. S. Apparecida, que a pedido do *Labaro* lhe foi vedada.

Não sabe a *Luz da Apparecida* que nem todas as verdades se dizem?

Com a sua demasiada franquesa arranjou uma terrivel sarna para se coçar... emquanto rezar uma ladainha em louvor ao santo labaro de Taubaté.

Seth Latour.

EM SANTOS

Contra a reacção na Argentina

Uma grande manifestação de protesto contra os tyrannos do Plata e de sympathia aos revolucionarios mexicanos.

Em nosso n. passado demos noticia da agitação que em Santos estava sendo levada a effeito para protestar contra os czarescos governantes da Argentina que, por meios de infames leis draconianas, estão exercendo toda a sorte de violencias contra os homens de consciencia emancipada, contra os audases semeadores das ideias alevantadas.

Nessa noticia demos conta aos nossos leitores da sessão de protesto ali effectuada no mez passado com o fim de preparar um grande comicio publico que deveria ser realizado dentro do mais tempo possivel.

Pois essa profundamente sympathica manifestação teve lugar no domingo ultimo, com um resultado inteiramente satisfatorio.

Com um vibrante manifesto distribuido no sabbado por toda a cidade, o Comitê Organizador convidou o proletariado e o povo em geral a comparecer no domingo á Praça Telles afim de tomar parte no comicio.

A's 2 horas da tarde, quando a citada praça obrigava uma grande multidão, Primitivo R. Soares, membro do Comitê, abre o comicio e, em illucidativo discurso, historia os factos que de ha annos vem sendo theatro a Argentina, onde se commettem as maiores infamias contra os homens que dedicam os seus esforços á propaganda das ideias que ora agitam toda a humanidade.

Falou em seguida o nosso companheiro Edgard Leuenroth, que tambem estigmatizou a obra de tyrannia dos dignos herdeiros das glorias do sanguinario Rosas. Chamou tambem a attenção do proletario de Santos para o grandioso movimento que ora se está desenroiando no Mexico, onde o povo luta heroicamente pelo estabelecimento de um regimen de igualdade social.

Usaram tambem da palavra discorrendo ainda sobre o fim do meeting os companheiros J. Zeballos, J. B. da Silva, Zeferino Oliva, M. Garrido e J. Vidal, depois dos quaes falou novamente Edgard Leuenroth, apresentando a seguinte moção, que foi approvada pelas acclamações e applausos do povo:

"O operariado de Santos, reunido em comicio na Praça Telles para protestar contra a pressão brutal exercida na Argentina sobre os trabalhadores conscientes e todos os homens de ideias livres,

— considerando que a solidariedade entre os opprimidos de todos os paizes deve ser a base da luta que se vem desenrolando em prol da sua emancipação;

— considerando que os autocratas daquelle paiz, sob a capa da democracia procuram, por meio da violencia, deter a expansão do pensamento, resolvem enviar as suas ardentes protestos de solidariedade aos que estão lá soffrendo os rigores da reacção, assim como as suas sinceras saudações aos bravos que no Mexico lutam pela emancipação do povo."

Primitivo Soares subiu mais uma vez á improvisada tribuna para encerrar o comicio e convidar o povo a ir, encorporado, até á séde da Federação Operaria.

Por entre brados de protesto e vivas e ao canto da *Internacional*, a columna seguiu até a Federação, de cuja sacada falou Luiz La Scala.

O povo foi depois convidado a entrar para a séde, que ficou logo repleta.

Ali falaram ainda Primitivo Soares, J. Zeballos, M. Garrido, Galileu Sanches e José Louzada, que incitou vibrantemente os presentes a contribuirem para a subscripçãe em favor da revolução mexicana.

Feita uma collecta para esse fim entre os presentes, conseguiu-se uma regular quantia que vai ser remettida ao Comitê do Partido Liberal Mexicano.

Por ultimo falou Primitivo Soares encerrando a reunião e fazendo ver a necessidade da união do proletariado para a defesa do seus interesses.

O "BREVIARIO"

Finalmente já se encontra á venda a esperada obra da nosso querido companheiro Raymundo Reis.

Materialmente o livro do Beato encheu-nos as medidas. E' um bello trabalho, demonstrando o esmero, o carinho com que foi cuidado.

Quanto ao demais, ao seu valor intrinseco, nada dizemos. Seria meter as mãos em seára alheia.

O poeta cá da casa é elle, o bom Beato; é preciso, pois, que um outro amigo, que tambem frequenta o Parnaso, diga da sua justiça sobre os versos do *Breviario*.

E isso será feito.

A nós resta-nos pespegar um tremendo abraço no Raymundo por ver coroado de bom êxito os seus esforços para reunir em livro os versos atirados á publicidade antes que a sua musa apanhasse o virus da rebeldia.

O *Breviario* está á venda em todas as livrarias e em nossa redacção ao preço de 3$000.

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — Os espectaculos realizados neste theatro durante a semana, estiveram bastante concorridos.

Agradaram muito os numeros de variedades ali apresentados, assim como os esolhidos *films* exhibidos.

Para hoje e amanhã estão annunciados dois excellentes espectaculos.

Amanhã haverá matinée e depois de amanhã começará a ser apresentado um numero de sensação.

THEATRO CASINO — Os programmas apresentados nesta casa de diversões foram na semana que finda variados e interessantes.

São dignos de menção os bailarinos Mimi Fritz e Villars.

Amanhã teremos no Casino mais uma matinée.

THEATRO VARIEDADES — A companhia da empreza José Fortunato continúa a trabalhar no elegante theatro do largo do Paysandú, levando em duas sessões, que se realizam diariamente, interessantes comedias e revistas.

Hontem foi representada a comedia *Republica no Céo* na 1.ª sessão e na segunda *O guarda Alfandega*.

Hoje estão annunciados duas escolhidas sessões com peças novas para este theatro.

Está annunciado para breve *O Formigão*.

CINEMA CONGRESSO — Neste bom cinema da Praça dr. João Mendes continuam a ser exhibidas todos as boas fitas vindas para S. Paulo.

Na tarde de amanhã teremos ali mais uma matinée.

JOCKEY CLUB — Amanhã, no prado da Moóca, realizar-se-á mais uma corrida, havendo bons premios aos vencedores.

Raio herege

Telegrapham de Queluz que caiu um raio em uma enorme cruz erguida pelos padres no alto de um morro, despedaçando-a.

E' preciso pedir ao Padre Eterno, por intermedio do Santo Papa, um pouco de piedade para os carolas de Queluz.

Declaraçôes de solidariedade

«Sr. E. Leuenroth:

Aproveito o ensejo para vos enviar os meus sinceros parabens, bem como ao illustre advogado Benjamim Mota, pela brilhante victoria que alcançastes na luta contra a canalha que está manchando a nação Brasileira.

S. Vicente, 10 — 2 — 1912. — J. Cardoso.»

***

«Edgard:

Parabens pela victoria que alcançaste no caso Idalina.

Caxias (R. G. do Sul), 9 — 2 — 1912. — Benjamim Cruz.»

***

«Caro Edgard:

Saúde e liberdade.

O Grupo editor d'*A Razão*, semanario anticlerical de combate a sair em março proximo, reunido hoje, afim de tratar dos seus interesses, envia-te os mais espontaneos applausos de solidariedade pela tua bri-

lhante attitude e dos máis companheiros em face do caso Idalina.

Rio, 24 — 2 — 1912 — Santos Barbosa, Pedro Matera, José Heredia, João da Silva Tavares, Edgard de Gama Bentes, Cardoso Nunes.»

***

Sr. redactor da *Lanterna* :

Nós abaixo assignados vimos cumprimentar a *Lanterna* pelo grande triumpho alcançado com a solução do Jury de S. Paulo.

Com ella conseguiu-se mais uma prova de que os directores do Orfanato são os unicos responsaveis pelo desapparecimento de Idalina.

Fazemos votos para que se continue a reclamar justiça até que os culpados deem conta da infeliz orfã.

Ribeirão Preto, 16 — 2 — 912. — Thereza Cubells (viuva de Pedro Cubells), Alice e Caim Cubells, Luiza Cubells Trilhas, André Trilhas.»

***

«Felicito-vos pela brilhante victoria alcançada contra o sinistro Orfanato Christovam Colombo.

S. José (Santa Catharina) — C. de Lippe.»

***

«Caro amigo Edgard :

O Tribunal, negando a existencia de Maria Luiza, teceu-lhes mais uma corôa de louros. Parabens por mais essa victoria alcançada sobre os inimigos dos fracos.

Se neste paiz a calcêta fosse uma realidade, não sei onde estariam a esta hora esses cannibaes de nova especie, que, em seus banquetes *faustos consomem* carnes de crianças, tripudiando sobre a nossa sociedade como o urubú em cima de cavallo morto.

Abaixo o Orfanato Bandalho !

Itauna (Minas) — 20 — 2 — 1912. João Manuel F. Penna.»

***

«Sr. Edgard Leuenroth :

Affectuosamente dirijo-lhe esta afim de felicitar-vos pela victoria que obtivestes na campanha contra os vampiros sociaes, essas aves de rapina do Orfanato Christovam Colombo.

Queira, pois, receber os meus parabens, bem como o illustre advogado Benjamim Mota, pelo bom exito da luta contra essa clericanalha que nos affronta e nos envergonha.

Sabará (Minas) — João de Siqueira Cruz.»

***

«Edgard :

Os iniciadores da fundação do Grupo Dramatico 13 de Outubro : Pedro Matera, José Heredia, Edgard Gama Bentes, João Tavares, Carlos Marinho, Cardoso Nunes, Eduardo Gomes e S. Barbosa, felicitam-te pelo raio de luz partido do Tribunal sobre o crime do Orfanato da Morte.

Rio, 25 — 2 — 912. — S. Barbosa.»

***

«Sr. Edgard :

Venho por meio desta apresentar-vos as minhas mais vivas felicitações pela grandiosa victoria alcançada pela *Lanterna* no caso do Orfanato Sinistro.

O nosso Tribunal andou acertadissimo em confirmar a asserção dessa folha, isto é, que a tal Maria Luiza ou Itala Fonte não existe.

Esse acto da justiça é um auxilio valiosissimo para a nossa causa : que é a libertação do povo dessa corja de urubús-malandros que, para nossa infelicidade, infectam o nosso estremado Brasil.

Coragem, companheiros !

S. Paulo, 24 — 2 — 1912. — Agostinho Edmundo dos Santos.»

***

«Parabens aos intemeratos camaradas da *Lanterna* pela victoria alcançada contra os estupradores de innocentes criancinhas.

Não obstante, continuamos a perguntar : Onde está Idalina ?

Rio, 20 — 2 — 1912. — Hygino Alves.»

Bilhetes e recados

Rio — S. Botelho : Pelas mesmas razões que julga agora inconveniente a publicação da noticia com todos os seus detalhes, entendemos mais accertado aguardar occasião mais opportuna. Saudações.

S. Simão — J. Perez : Remetteremos o jornal a começar deste n. Saudações dos amigos.

Barreto — T. M. da Silva : Foi-lhe remettido o n. 124 Saudações

Itapolis — O. Machado : Recebemos sua carta. Será publicado logo que soffra as necessarias emendas. Bastante satisfação temos em acolher a collaboração dos amigos. Saudações.

Botucatú — A. Gregoricki : Recebemos a sua carta. Do facto mencionado nos occupamos neste numero.

S. Manuel — M. H. Olzam : Recebemos a sua carta. Agradecemos a lista enviada. Saudações.

Alto da Serra — H. Moreira : Recebemos os 10$ de tua assignatura. Saúde !

Monte Santo — E. C. Freire : Recebemos a importancia de sua assignatura annual. Saudações.

Jahú — A. do C. M. Sobrinho : Registamos o novo assignante indicado. Já remettemos o recibo do anno passado. De momento não sabemos de nenhum lugar. Avisar-lhe-emos se tivermos conhecimento de algum. Saudações.

Livramento — I. C. de Mello : Foi feita a modificação recommendada. O jornal tem sido espedido regularmente. Reclamem no Correio dahi. Remettemos os ns. estraviados. Saudações aos amigos.

Sorocaba — Miguel Stefanelli : Do companheirro L. Masculo recebemos a lista destinada á *Guerra Social*, que já foi remettida para o Rio. Saudações.

Jaguary — X. Y. Z. : A *Lanterna* só dá abrigo ás accusações precisas e conhecendo as pessoas que as fazem Sem essa norma de conducta um jornal de combate seria constantemente victima de perigosas armadilhas.

Rio Claro — B. J. Ferreira : Registamos o endereço indicado. Agradecidos. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R. d'Oliveira : Collocamos o endereço certo. Saudações.

Queluz — Seth Latour : Remettemos os ns. pedidos. Saudações.

Santa Maria — Marcinio Gonçalves da Silva : O jornal tem sido espedido com a maxima regularidade. E' conveniente que reclamarem ao Correio. Mandaremos os recibos. Saudações.

O ARCHIVO DEMOCRATICO

Revista mensal e illustrada

Tem publicado 27 photographias em 24 por 30, primorosamente executadas num dos primeiros ateliers da Allemanha.

Eis, por ordem numerica, as photographias já publicadas de illustres democratas portuguezes e estrangeiros :

1 — Antonio José de Almeida ; 2 — Bernardino Machado ; 3 — Elias Garcia ; 4 — Affonso Costa ; 5 — Duarte Leite ; 6 — Heliodoro Salgado ; 7 — Alexandre Braga ; 8 — Alves da Veiga ; 9 — Sebastião Magalhães Lima ; 10 — João de Menezes ; 11 — Manuel de Arriaga ; 12 — João Chagas ; 13 — José Sampaio (Bruno) ; — 14 Theophilo Braga ; 15 — Guerra Junqueiro ; 16 — Consiglieri Pedroso ; 17 — José Relvas ; 18 — Botto-Machado ; 19 — Lauro Sodré ; 20 — Miguel Bombarda ; 21 — França Borges ; 22 — Francisco Ferrer ; 23 — Alfredo de Magalhães ; 24 — Hermes da Fonseca ; 25 — Carlos Candido dos Reis ; 26 — Antonio Luiz Gomes ; 27 — Antonio Maria da Silva.

No prélo :

28 — Azevedo Gomes e 29 — Ladislau Parreira.

Assignaturas. — Podem principiar em qualquer numero ao preço de 3$600, por anno, para Portugal ; Africa, 4$000 e Brazil, 4$800.

Estão á venda lindas capas em percalina ao preço de 500 rs.

O 1.º e 2.º volumes encadernados, custam 4$200 réis cada um, Africa 4$600 e Brazil 5$400.

Estão tambem á venda avulso photographias em brometo e platina.

Além dos numeros já publicados no «Archivo Democratico», as do dr. Eusebio Leão, Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Ministro do Fomento, Braamcamp Freire, Major Coelho, Marinha de Campos e muitos outros de mais evidencia no Partido Republicano.

Em tamanho de 24 por 30 ao preço de 300 réis.

Em tamanho de 50 por 60 ao preço de 1$200 réis.

Bilhetes postaes com os retratos de todos os deputados republicanos.

Editou o «Archivo Democratico» uma collecção de bilhetes postaes illustrados que vende ao preço de 40 réis com grandes descontos aos revendedores.

Pedidos á Administração, Rua Garrett, 36, 4.º-D. — LISBOA.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado. está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da

Confederação Geral do Trabalho

10, BOULEVARD MAGENTA, PARIS — X

Ano	31 francos
6 mezes.	18.50
3 mezes.	9,25

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos :

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos :

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio :

Primeira série, já publicada :

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).
El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Série em publicação :

Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.
Viaje al Infierno, por José Nakens.
La libertad de ensiñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.
Retratos de José Nakens, 1$500 réis.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

E ncontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias :

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . .	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . .	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . .	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . .	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi.	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel .	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo .	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, . .	$300
L'Esprit de Révolte " . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Lèntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frère le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gobier, *Aux Femmes* . .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . .	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . .	$100
» » *La Morale Anarchiste*	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . .	$100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

Só podemos attender os pedidos que venham aconpanhados da respectiva importancia.

FOLHETIM DA LANTERNA

(40) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXXII

O CABECILHA

amor. Não podia esquecer Ibarra. Apesar do que delle ouvira dizer, continuava a considera-lo como homem digno de ser amado. A' sua fina perspicacia feminina não escapava que na maior parte dos actos attribuidos ao carinhoso companheiro da sua infancia havia muito de invenção e de calumnia. Quanto não daria para o ver, para lhe explicar a sua conducta para com elle, para lhe dizer que nunca deixara de lhe querer, que antes e depois da sua prisão não cessara de derramar amargas lagrimas ! Tudo lhe diria, até a tremenda revelação que, quando estava enferma, a ella fizera frei Dámaso ! Então elle comprehenderia porque recusava recebê-lo e não respondera ás cartas delle... Não se casaria com elle, mas nunca seria de outro homem... Entraria num convento e ali, até morrer, choraria a sua desgraça...

Uma *banca* carregada de *zacate* parou ao pé do caes que a casa possuia, como todas as que marginavam o rio. Um dos tripulantes subiu a escada de pedra, saltou o muro, e segundos depois ouviam-se os seus passos na escada do terraço.

Maria Clara viu-o parar ao descobri-la, mas foi só por um instante, porque o homem avançou lentamente e, a três passos da joven, tornou a deter-se. Maria Clara retrocedeu.

— Chrysostomo ! — murmurou ella aterrada.

— Sim, sou o Chrysostomo ! — redarguiu Ibarra com voz grave. — Um amigo fiel, o piloto Elias, acaba de me tirar, com risco de vida, da prisão para onde me haviam arremessado os meus inimigos.

A estas palavras seguiu-se um triste silencio. Maria Clara curvou a cabeça e deixou cair os braços com ar desolado.

Ibarra proseguiu :

— Era eu ainda criança, quando jurei fazer-te feliz ! Não me foi dado cumprir a minha palavra ! A culpa não foi minha ! Apesar da tua inconstancia e do esquecimento dos juramentos que tambem me fizeste quiz ver-te pela ultima vez e dizer-te que te perdôo. Por isso ao fugir da cadeia a primeira coisa que fiz foi vir procurar-te... Agora sê feliz com esse hespanhol que com certeza não te amará tanto como eu te amei e ainda te amo. Adeus !...

Ibarra ia afastar-se, mas a joven deteve-o.

— Chrysostomo ! mandou-te Deus para me salvar do desespero.. Ouve-me e julga-me !

Ibarra quiz desprender-se della docemente.

— Não vim pedir-te contas... Queria ver-te ; queria dizer-te adeus pela ultima vez e nada mais !... Resta-me talvez tão pouco tempo de vida !... Terei de ir para tão longe, se viver !...

— Chrysostomo, por piedade escuta me ; não me desprezes injustamente ; não me guardes rancor !

Ibarra sorriu com amargura.

— Duvidaste de mim, duvidaste da amiga da tua infancia, que nunca te occultou um só pensamento — exclamou doloridamente a joven. — Tinhas razão ! Accusavam-me as apparencias ! Entretanto, quando souberes a minha triste historia, a triste historia que me revelaram durante a minha doença terás compaixão de mim e não te sorrirás ironicamente da minha dôr.

Maria Clara calou-se um momento ; em seguida continuou :

— Numa das dolorosas noites da minha doença, um sacerdote revelou-me o nome de meu verdadeiro pai e prohibiu-me o teu amor... a não ser que meu pai mesmo te perdoasse o aggravo que lhe fizeras.

Ibarra recuou e olhou assombrado a moça.

— Que estás dizendo ?... Enlouqueceste ?... Teu pai ?... Elle, teu pai ?... O infame, o assassino, o sacrilego ?... O padre Dámaso teu pai ?... Sim, tinhas razão : fizeste bem em me esquecer ; eu não podia casar-me com a filha de um homem que perseguiu meu pai até depois de morto... Eu não poderia casar-me com a filha de frei Dámaso, que me arrebatou com furia cruel a honra e a felicidade !... Agora comprehendo por que esse homem me perseguia e maltratava sem descanso... Agora comprehendo tudo !... Parecia-lhe pouco um mestiço, quasi um indio — um misero indio ! — para sua filha !... Queria um hespanhol, ainda que fosse um presumpçoso sem dinheiro como Linares... Mas... e as provas ?... Onde estão as provas de seres filha desse frade cruel, dessa vergôntea de Satanás ? Onde estão as provas ?... — exclamou Chrysostomo convulso, com os olhos fora das órbitas e o cabello erriçado.

A joven estava horrorizada ante o terrivel aspecto de Ibarra.

— Socega, por Deus ! Se não me tivessem mostrado as provas, tambem eu não o teria acreditado !... E' espantoso !... Imagina o que não terá soffrido o meu coração !... Sei demais que meu padrinho foi contigo bem cruel, e não obstante, não pude deixar de lhe querer bem e de obedecer ás suas ordens..

Antes de saber que era o meu verdadeiro pai, já lhe queria mais do que ao outro... Quando eu era criança, enchia-me de caricias e de presentes, e os affectos da infancia não se apagam facilmente... Não procuro desculpar a sua conducta para contigo.. Digo-te a verdade, toda a verdade, para veres que procedi lealmente... Talvez no seu empenho de me fazer feliz, lavrou a tua desgraça e a minha !... Não duvides, Chrysostomo !... Apesar dos seus conselhos e das suas súpplicas, não deixei de te amar !... Se não te tivessem prendido, teria entrado num convento, guardando ali o meu segredo !... Hoje mudaram as circumstancias, e antes de nos separarmos para sempre quiz dizer-te tudo para que não me guardes rancor !... Imagina o que soffri tendo que perder os dois grandes amores da minha vida !...

— Mas as provas ? Onde estão as provas ? — exclamou Ibarra outra vez, cheio de impaciencia.

— Duas cartas de minha mãe, duas cartas escriptas no meio dos seus remorsos quando me trazia no seio !

Ibarra sentia uma horrivel tortura. Embora não o crêsse momentos antes, ainda abrigava no peito uma remota esperança de ser feliz, que lhe illuminava debilmente a alma. Agora apagára-se de vez aquella luz, e o seu espirito mergulhara nas mais horrorosas trevas.

Maria Clara proseguiu :

— Agora que sabes a triste historia da tua pobre Maria Clara, lembrar-te-ás della com rancor ?

— Com rancor ?... Não sabes o que dizes !... Embora me tivesses escarrado e vergastado a cara com um chicote como ao mais vil dos escravos, sempre te havia de amar !... E agora amo-te mais do que nunca !... Desgraçado, errante, perseguido pela justiça e pelos homens a tua recordação não me abandonará !... E se chegas a casar com outro homem, se chegas a casar, Maria Clara... oxalá que sejas muito feliz !... Só te súpplico que te lembres de vez em quando do pobre Ibarra, daquelle que, em criança, collocava sobre os teus negros cabellos coroas de sampagas chamando-te a sua adorada Chloé !...

Chrysostomo rompeu a soluçar. Pelas faces morenas de Maria Clara havia tempo já que deslisavam abundantes lagrimas.

— Nunca me casarei com outro homem ! Juro-to !

— Não sabes como me fazes feliz neste momento, minha irmã, Clara do meu coração ! exclamou Ibarra estendendo os braços á joven, que nelles ficou meio desmaiada alguns instantes.

— Dá-me um beijo !

Maria Clara beijou-o na fronte.

— Outro ! O ultimo ! Na bocca !

Foi um beijo demorado, silencioso, de amarga voluptuosidade.

Ibarra quereria morrer naquelle instante.

Maria Clara desprendeu-se dos seus braços, acommettida de subito terror.

— Foge ! Foge ! Que podem vir prender-te !...

Naquelle instante, Elias, que ficara na *banca*, lançava um silvo agudo.

O joven cambaleou como um ébrio. Fez um supremo esforço, e com um gesto desesperado exclamou :

— Adeus ! Adeus para sempre !...

Saltou outra vez o muro e entrou na *banca*. Maria Clara quedou-se apoiada sobre o parapeito do terraço até perder de vista a pequena embarcação.

Apenas cessou de a ver, soltou um grito e caiu desmaiada, envolta na sua esplendida cabelleira, agora semelhante ao negro veu da viuvez...

XXXIII

A CAÇA NO LAGO

— Escutai, senhor, o plano que meditei — disse Elias, pensativo, em quanto se dirigiam a San Gabriel. — Esconder-vos-ei em casa de um amigo meu, em Mandaluyong ; ali vos levarei todo o vosso dinheiro, que salvei e guardei ao pé do *baliti*, e logo que vos seja possivel abandonareis o país...

— Indo para o estrangeiro ? — interrompeu Ibarra.

— Indo viver em paz os dias que vos restam de vida. Afinal o estrangeiro para nós é melhor patria do que a nossa.

Chrysostomo não respondeu.

Chegavam naquelle momento ao Pasig e a *banca* começou a subir a corrente. Pela ponte de Hespanha passava um cavallo a galope e ouvia-se um prolongado e agudo silvo.

— Elias — disse por fim Ibarra — já que me aconselhas que viva no estrangeiro, vem comigo e vivamos como irmão. Tambem tu és aqui desgraçado.

Elias moveu tristemente a cabeça e replicou :

— Impossivel ! E' certo não poder eu ser feliz na minha patria, mas posso soffrer e morrer por ella ; sempre é alguma coisa.

— Então porque me aconselhas a partida ?

— Porque noutra parte podeis ser feliz e eu não, porque não sois feito para soffrer...

— E's injusto comigo ! — exclamou Ibarra com amarga censura.

— Não vos offendais, senhor, nenhuma censura vos faço. Só o vosso bem desejo. Oxalá todos soubessem imitar-vos.

— Não partirei, Elias ! Não partirei ! A desgraça arrancou-me agora a venda ; serviram-me de lição a miseria e o insulamento do meu cárcere ; vejo agora o horrivel cancro que corroe esta sociedade, que se agarra ás suas carnes e pede uma violenta extirpação. Elles é que me abriram os olhos, me mostraram a chaga e me impellem á rebeldia ! Já que assim o quizeram, flibusteiro hei de ser ; chamarei todos os desgraçados, todos os que teem aggravos a vingar, todos os que sentem anhelos de justiça. Por isto não serei criminoso : nunca o é quem luta pela sua patria ! Se eu morrer na empresa, levarei pelo menos a consolação de alguma coisa ter feito em proveito do meu país ! Não me condemnaram como flibusteiro ? Não condemnaram muitos outros innocentes ? Pois ao menos, se voltarem a condemnar-me, que seja com razão ! Ai dos frades ! Não sabem que com a sua conducta egoista e tyrannica estão lançando lenha na fogueira em que hão de perecer ! Não sabem que, em chegando o dia das terriveis represalias, os descerão ao poço como ao pobre Társilo, os sujeitarão ao cepo e os matarão á chibatada, como elles fazem agora com os pobres indios ! Ah ! então não haverá piedade ! Não haverá compaixão !...

Ibarra estava nervoso ; tremia-lhe todo o corpo.

Passaram em frente do palacio do General e julgaram notar movimento e agitação nos guardas.

— Terão descoberto a evasão ? — murmurou Elias. — Deitai-vos, senhor, para eu vos cobrir com o *zacate*, para o caso de nos ver a sentinela.

A *banca* era uma dessas finas e estreitas canoas que não vogam, mas resvalam por cima da agua.

Como Elias previra, a sentinela deteve-o e perguntou-lhe donde vinha.

(Continúa).